Operação

Mata Fechada

Nota do Autor

Esta é uma obra de ficção e todos os personagens foram criados pelo autor. Alguns personagens, entretanto, são reais, mas quando citados, estão sendo merecidamente homenageados.

Copyright © 2006 by Yvil Carmant

Contato com o autor:
antunes.machado@gmail.com

Revisão: Julio Modesto

Reimpressão: Dez/2019

Impresso 2019 por www.clubedeautores.com.br
1ª edição – Setembro 2006

Operação Mata Fechada

3ª. Reedição - 2019

Clube de Autores

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, será permitida com a autorização por escrito do autor (Lei 9.610 de 19.02.1998). Por se tratar de uma obra de ficção, todos os nomes dos personagens, das empresas citadas, assim como das circunstancias, são fictícias. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência, exceto as homenagens feitas pelo autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

Operação Mata Fechada

Operação Mata Fechada / Yvil Carmant.

ISBN 85-99287-37-0

1ª edição - Rio de Janeiro – Corifeu – 2006

1. Literatura. I. Título.

Yvil Carmant* é o pseudônimo utilizado pelo Escritor Sylvio Antunes

"O bom combate é o que se luta para manter-se vivo, nunca para destruir seu oponente".

Homenagem ao Embaixador da Paz, Sérgio Vieira de Mello, ao capitão aviador Roberto Pessoa Ramos e Brig. Rui Lima, pilotos da FAB, e ao 1° Grupo de Aviação de Caça. Todos, em épocas distintas, heróis do Brasil.

Dedico ao meu velho herói, Comendador Antunes (in memoriam) e meus heróis do meio, Yuri, Yago e, agora, Caíque Lorenzo, que traz as borboletas de volta ao jardim...

Prefácio

Em 23 de agosto de 2003, uma explosão no Centro de Lançamentos de Foguetes de Alcântara, no Estado do Maranhão, do Veículo Lançador de Foguetes (VLT) ainda na base, ocasionou a morte de 21 profissionais do centro de lançamentos, entre civis e militares.

Um ano após o ocorrido, as investigações concluíram que houve um acionamento intempestivo de um dos quatro motores do lançador de foguetes que acionou os demais e, preso à torre de lançamento, ocasionou sua explosão ainda no solo.

Segundo um renomado jornalista, à época, fora noticiado que um submarino de bandeira desconhecida, no mesmo dia, fora captado pela defesa marítima quando deixava a costa brasileira, próximo à fronteira molhada do Maranhão, cujo motivo de sua visita e rumo tomado logo após o incidente, até hoje, permanecem sem respostas.

Naquela época, as autoridades não confirmaram a informação. E nem a negaram...

Capítulo **I**

"Na sala principal, um plano..."

Não existia um único dia em que não parasse o que estava fazendo só para observar o jardim de sua residência oficial. E era o que fazia neste momento. O gramado, que começava logo abaixo de sua janela e ia até a entrada da mansão, permanecia sempre verde seja em que época do ano estivesse. As flores, em diversas cores e formatos. Begônias, margaridas e rosas em pequenos círculos preenchiam o vazio deixado pelas grandes árvores que, de tão velhas, tinham suas copas envergadas ao mínimo sopro do vento. As pessoas lá fora, que caminhavam apressadas para o trabalho, suas casas, ou até mesmo aquelas que estavam paradas ali, próximas às grades de proteção, observando a enorme residência em que morava provisoriamente, lhes causavam, em certos momentos, uma inveja tamanha.

Qualquer decisão sua, certa ou errada, causaria na vida daquelas pessoas momentos felizes ou terríveis, dependendo do ponto de vista e extensão da decisão. Uma simples palavra sua teria o poder de mexer com a vida de cidadãos em diversas partes do mundo. Economias sólidas poderiam desmoronar como castelos de areia, ou reis poderiam cair como fantoches, amarrados com velhas linhas puídas e gastas pelo tempo. Países poderiam destroçar-se em guerras sangrentas e intermináveis.

Antes, via tudo isto como o encargo de um cargo público necessário. Hoje, o sorriso exibido em sua foto na parede já não parecia ter a mesma cor. Desbotou-se com o tempo.

Ressurgiu de seus pensamentos e, voltando-se para dentro da sua ampla sala, com móveis centenários ainda da época da independência de seu país, observou sua cadeira de espaldar alto, em que muitos estiveram sentados e, outro, assim como ele, estará no futuro. O que antes via como sinal de poder e glória, enxergava agora que restara muito pouco do que sonhava. Sobrara apenas uma ilusão embaçada de uma foto quase

desbotada na parede. Mesmo absorto, percebia que diversos documentos repousavam sobre sua mesa, aguardando sua atenção ou, na grande maioria deles, apenas sua assinatura. Um deles, em especial, lhe causava apreensão mesmo sem ainda tê-lo lido. Alguns relatórios pormenorizados trazidos no dia anterior pelo secretário de Defesa: Estudo analítico realizado pelo seu Serviço de Informações sobre um país da América do Sul.

Acomodou-se em sua poltrona, tomou-o nas mãos e preparou-se para lê-lo. Antes, porém, pediu à secretária para não ser interrompido. A princípio procurou ser sucinto em sua leitura. Várias páginas com gráficos foram deixadas de lado para uma leitura posterior. Concentrou-se nos assuntos que os Serviços consideravam importantes. Um breve resumo lhe dava as informações que desejava. Ateve-se a ele:

"...Considerando que todas as informações passadas aos nossos Serviços de Inteligência sejam de fontes seguras, considerando que a atual política externa brasileira seja contrária aos interesses de nosso país, considerando o crescente interesse dos países desenvolvidos em tornarem-se parceiros do Brasil, considerando que, num futuro próximo, devido a sua política supostamente contrária aos nossos interesses e na expectativa de tornarem-se uma potência bélica, concluímos que:

Deva-se levar em consideração este relatório e tomar todas as precauções necessárias através de ações desestabilizadoras, seja pressionando os países amigos ou através de política de retaliação aos países que colaborarem com este perigo iminente, colocar as agências e os Serviços de Informações de sobreaviso sobre a questão e, por último, reivindicar, junto aos organismos internacionais e à ONU, visitas de inspeção ao Brasil, no intuito de verificar in loco a veracidade das informações recolhidas.

...sendo verdadeiras as informações internacionais, torna-se imprescindível, a curto e médio prazo, sua desestabilização política e econômica...

...uma ação de desestabilização do país visando o enfraquecimento político na região, enfraquecendo assim, o apoio dos países que tendem a apoiá-lo...

...usar de todos os meios possíveis, sigiloso ou não, de modo que possam ser aumentados os controles efetivos da imprensa, aumentar a dependência das autoridades policiais ao nosso pessoal de campo, praticar ações de aproximação a líderes políticos de esquerda e de centro, fomentando a dissidência no apoio ao governo atual, através de um jogo de intrigas, aumentar o número de propinas a elementos próximos aos altos escalões do governo, fomentar, com uso da imprensa, a pressão popular, gerando a insatisfação popular contra o governo...

O presidente, aturdido, jogou os papéis sobre sua mesa e deteve-se a olhar as últimas frases do texto:

...se neste período não sofrer um processo grave de desestabilização econômica, política, militar...

...proximidade de países como Venezuela, China, Irã e Coreia do Norte...

...apoio da comunidade latina e de países do bloco europeu em suas decisões...

...em vinte anos, uma potência bélica, totalmente independente...

...mísseis de considerável capacidade destrutiva, em médio prazo...

...capacidade de independência na construção de mísseis balísticos de médio alcance...

Essas frases ecoavam em sua cabeça.

Acionou o botão de comunicação embaixo de sua mesa e ordenou:

— Convoque o *staff* de Defesa e o Conselho de Segurança. Imediatamente!

— Sim, senhor presidente! — respondeu seu assessor direto, apressadamente.

Voltou a observar sua foto no quadro oficial, acima da gasta lareira. Lembrou-se do que pensava antes de ler o relatório e da

decisão que precisava ser tomada. Em nenhum momento de sua carreira política hesitara tanto a tomar uma decisão. Nunca tantos dependeriam de tão poucos...

Três horas depois, todos os membros do Conselho de Segurança Nacional estavam sentados em volta da mesa oval, numa das inúmeras salas protegidas daquele imenso complexo.

— Senhores... — falou o presidente assim que se acomodou na cadeira principal. Todos responderam em voz baixa, como que intimidados pela presença de um dos homens mais poderosos do mundo. — O motivo de minha convocação é sobre este relatório. — começou a falar, jogando a pasta sobre a mesa. — Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — completou, cruzando as mãos sobre a mesa. — Você, Norman, talvez? Foi seu pessoal que preparou isso, não foi? — O chefe do Serviço de Informações da Presidência titubeou antes de responder:

— Sim, senhor presidente, fomos nós! Nosso serviço de informações que preparou este dossiê. Esperamos que tenha alcançado seu objetivo, pois fora minunciosamente preparado. – respondeu ele.

— Norman, este relatório diz... — apontou para a pasta que descansava sobre a mesa — que um país aliado pode tramar contra nós! — disse o presidente, irritado.

— Senhor presidente... — falou em réplica — todas as evidências nos fizeram crer nesta possibilidade. Pode não parecer diretamente, mas o risco é considerável num futuro bem próximo. — entoou a voz, tentando parecer seguro.

— Entendo. Diga-me, Norman... — mantendo o foco no seu chefe de Serviço de Informações Presidenciais, e ainda amigo e conselheiro desde sua primeira eleição. — como um país que nos deve bilhões de dólares, recém-saído de uma ditadura, que não tem dinheiro suficiente para comprar vinte aviões de combate, pode tentar tramar contra nós ou ser um perigo iminente num futuro próximo? Não acha possível que essa coleta de dados possa ter sido altamente estimada? — indagou calmamente.

— Desculpe, senhor, mas... não temos dúvidas quanto a isto! — afirmou.

— Hm... E por que não? — grunhiu ele, esperando ser convencido.

— Traremos os fatos e os dados colhidos, senhor presidente, e depois poderá tirar suas próprias conclusões. O Brasil... — começou ele com as explicações que esperava serem suficientes para convencer o presidente de que os dados do dossiê estavam certos — aparentemente suspendeu a licitação dos caças de combate porque desejam tecnologia de ponta. A *SAAB*, sueca, com caças de combate de 5ª geração denominados *Grippen NX*, está com ampla vantagem nesta concorrência porque concordam com a transferência de tecnologia aviônica e deve se sagrar vencedora, produzindo mais de 30 caças multiação. Mesmo sob forte concorrência dos *Sukhoi SU30* e *SU37* da Rússia que, na verdade, seria a opção escolhida pelo comando da Força Aérea Brasileira. A escolha certamente será mais política do que técnica. — enfatizou — Mas o que na verdade os interessa é a tecnologia aviônica de última geração que, pra eles, será a "cereja do bolo". Com isto em mãos, podem ingressar neste campo de construção de caças e armas de defesa e combate de última geração com grandes vantagens. Seu caça monomotor T-29 Super-Tucano é um sucesso! — enfatizou — Já os vendem para quatorze países até o momento e, recentemente, venderam setenta deles para a Venezuela e 25 para o Paquistão, o que de fato nos preocupa diretamente. Embora monomotores, são aviões rápidos, mortais e atuam em baixa altitude, com tecnologia avançada. Uma parceria entre Venezuela e Brasil, um com o poder do petróleo e outro com tecnologia avançada, pode se tornar explosiva na região. Quanto às armas de mar, seu submarino com propulsão atômica poderá estar em condições de teste em pouco tempo, mesmo com as verbas escassas, além de estarem aumentando sua frota de submarinos, agora com os convencionais do tipo *Scorpene*, franceses, únicos na América Latina, aumentando a frota em mais de dez *subs* que, embora ainda bem abaixo do que realmente

necessitam devido a fronteira marítima que possuem, ainda assim, saber que existem dez submarinos rondando aquela região e com alta tecnologia causa bastante apreensão nos países integrantes do MERCOSUL. O Atlântico é uma linha direta e sem barreiras com a China, o que nos causaria enorme desconforto cruzar com um desses submarinos por lá! Além disso... — frisou Norman — seu navio capitânia, São Paulo, nome dado ao navio *Focher*, porta-aviões francês que fora comprado pelo Brasil, embora corra risco de ser descomissionado por problemas de motorização e nas caldeiras, soubemos que existem evidencias que comprovam que o Projeto Netuno, como o Programa Pro-Sub, em franco andamento, já estão em negociações com a Rússia para compra e adaptação de um porta-aviões de grande porte, além de um porta-helicópteros inglês e, todos, diga-se, com transferência de tecnologia, o que facilitaria o projeto de construção de mais dois porta-aviões, esses com apoio da França, que atuariam no Nordeste e no Sul do país. Podemos crer ainda que estão em fase de compra e construção em território nacional e em grande escala de corvetas, destroieres, caça-minas e fragatas, onde já constroem suas próprias corvetas e fragatas e todos os componentes de defesa que são exigidos a este tipo de embarcação. Lembrando que, todos, mesmo o projeto de alguns *subs* e os porta-aviões, podem ser adaptados para propulsão nuclear. Os franceses já nos confirmaram. Portanto, senhor presidente, acreditamos que devemos ficar atentos em saber as reais intenções do Brasil. Uma corrida armamentista por lá, tão próximo de nós é, no mínimo, preocupante! — ele terminou já bastante seguro e suando profusamente.

O presidente o fitou por um longo tempo e depois se virou para os outros ocupantes das cadeiras, deixando uma pergunta para ser respondida:

— Vocês acham, de fato, que isto deve nos preocupar? Devemos tratá-los com olhos diferentes a partir disso?

Todos, a princípio, permaneceram calados. A impressão que pairava era que se podia pegar com as mãos a tensão existente na

sala. Depois de algum tempo, um deles tomou a palavra, livrando os demais deste risco. Um respiro de alívio pôde ser ouvido pelo ouvido mais sensível.

— Não precisamos tratá-los com olhos diferentes, senhor. Pelo menos não de maneira aparente. — afirmou Sandler, secretário de Defesa.

— Sim, Sandler, continue. — pediu.

— Hoje, senhor, nosso grande problema na região é a perda de controle. Tornamo-nos ausentes dos principais acontecimentos por lá. Não temos mais a influência que tínhamos. O Brasil, aproveitando-se desta ausência, tomou pra si esta responsabilidade. Com Chaves aproximando-se deles — disse, referindo-se ao presidente venezuelano — podemos ter problemas. — finalizou.

— Sim... Porém isto tudo não basta para justificar uma ação mais ousada de nossa parte. Sinceramente, não acredito que isto seja uma ameaça pra nós. O controle da região é somente uma questão de tempo. — os homens entre olharam-se sem saber o que dizer. — Isto é, se ainda não estou sabendo de mais alguma coisa — deixou no ar a colocação.

— Ainda temos algo a dizer, senhor. — disse Sandler.

— Puta merda! Fale, vamos! — exigiu ele, já dando sinais de irritação.

— Ocorre, senhor, que, além da aproximação com Chaves, temos informações de que o Brasil possa repassar a tecnologia de enriquecimento de urânio ao Irã, através do Paquistão. — a afirmação de Sandler pegou o grupo de surpresa. Sua equipe vinha monitorando esta possibilidade já há algum tempo, mas não conseguira nenhuma prova concreta a respeito deste acordo entre Brasil e Irã. A tensão provocada pela afirmação de Sandler tomou forma, e era indiscutível que o patamar da conversa agora seria outro.

O presidente permaneceu calado, olhando diretamente para Sandler, sem ao menos piscar. Ele tocara num assunto que era quase tabu para eles. A preocupação com o Oriente Médio,

principalmente com o Irã, era uma constante em seu governo. Todos temiam as ações ofensivas do Irã e esta notícia, do repasse da tecnologia ao Irã pelo Brasil, se confirmada, pegara-o de surpresa. A Agência Brasileira de Energia Atômica já tinha conhecimento avançado em enriquecimento de urânio, superando, inclusive, o seu próprio programa. Essa tecnologia, em mãos erradas, poderia acarretar sérias consequências, principalmente nas mãos dos iranianos.

— Muito bem. Temos um sério problema agora. O que faremos? Alguma sugestão? — questionou ele, mudando o tom de voz. — Não poderíamos denunciá-los a AIEA[1]?

Para Sandler, Norman e os outros que estavam na sala, o gesto de entrega do presidente significou uma vitória.

— Não temos provas. — afirmou Sandler. — E, sem elas, não poderíamos acusá-los de nada. O máximo que poderíamos fazer seria pressionar a AIEA para verificar suas centrífugas e manter um maior controle sobre o urânio produzido, além do *Yellow Cake* que vendem ao Japão e já negociam com a China. O Brasil assinou o tratado de não proliferação nuclear, porém, não permite que técnicos e cientistas internacionais visitem suas instalações nucleares e protela a assinatura do complemento do tratado, que visa à exposição total do processo de centrifugação e produção de urânio em todas as suas fases.

— Isto nós já sabíamos. Suas centrifugas são superiores a qualquer outra conhecida. Não facilitariam pra ninguém sua exposição. — disse o presidente.

— É verdade, senhor. Entretanto, outro assunto nos preocupa. — falou pela primeira vez seu chefe de estado-maior.

— E o que seria, Vandelens?

— Ainda não confirmada, senhor, existe a informação de que o governo brasileiro esteja construindo um sistema de defesa por satélite de rastreamento. Segundo estas mesmas fontes, já se encontra em fase final de construção o veículo de lançamento de

[1] Agência Internacional de Energia Atômica.

satélites pesado. Os principais serviços de informações receberam esta comunicação e as repassaram em conjunto. Chaves levantou a hipótese de uma força militar em conjunto e permanente na América do Sul e contou com o apoio brasileiro. Militarmente, isto nos causa profunda preocupação. Seu desenvolvimento tecnológico militar e uma política externa agressiva na América Latina poderia debelar uma corrida armamentista na região. — suas mãos suavam profusamente e ele tentava, em vão, ocultá-las dos outros membros.

— Já que Vandelens citou este assunto — interrompeu Sandler — temos visto e acompanhado a política externa brasileira com extremo cuidado. Sua liderança na região já nos causa preocupação. Os principais líderes das potências mundiais veem o Brasil como nação amiga e aliada e, junto a estes, o Brasil já recebeu apoio para assumir, em caráter definitivo, uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU. Entre estes países, a Rússia, a França, a China, a Espanha e a África do Sul, que também postula uma vaga permanente, facultando-lhes o poder de veto nas discussões internacionais. Não seria agradável vê-los nesta situação. A princípio, o único país contrário à vaga permanente do Brasil é a Argentina que, além da rivalidade natural entre eles, também acredita ter este direito, tendo como opinião que esta vaga deva ser atribuída em forma de rodízio entre as nações, como acontece atualmente, porém, com direito a voto nas discussões. Ambas as propostas não servem aos nossos interesses. O México inclina-se a acompanhar a Argentina.

— Não poderíamos acirrar esta rivalidade entre Brasil e Argentina? Isto não enfraqueceria as relações deles junto à comunidade internacional e a América Latina como um todo? — disse o presidente.

— Essa é uma das ações em pauta e que pretendemos pôr em prática, senhor. — confirmou Norman, concordando com o presidente. — Entretanto, somente isto não seria suficiente. Eles têm apoio de países do bloco europeu. Bastaria apenas mudarem o foco de suas intenções, deixando a Argentina enfraquecida e

solitária. Chaves, Bolívar e outros presidentes de esquerda da América do Sul os apoiariam. Kirschner não é bem visto pelos parceiros da América Latina. Segundo coletas, é tratado por populista nato, sem fundamentos, e baseia-se em argumentos nacionalistas e populistas. A própria população já não mais o enxerga como o salvador da pátria. Recusou-se a enviar tropas em apoio ao Brasil quando este liderou a intervenção no Haiti, causando descontentamento em toda a América Latina.

— Mais alguma novidade? Mais alguma coisa que eu não saiba? — questionou, olhando em volta da mesa — Muito bem. Já temos todas as informações disponíveis e, se não forem inverídicas, temos um sério problema nas mãos. O que sugerem que façamos, senhores? Uma ação militar deve ser levada em consideração?

Um misto de incerteza, mais uma vez, pairou no ar. As cartas estavam sobre a mesa. Bastava um deles para dar início ao jogo que poderia ser bastante perigoso. Afinal de contas, estavam decidindo o futuro e o que fazer com um país democrático, bem próximo deles, que contava com apoio internacional e, mesmo com todos os escândalos de corrupção que abalavam o governo, mantinha-se forte em sua economia e sua representação internacional era equivalente ao deles, pois ao Brasil, havia respeito e admiração e, quanto a eles, havia temor e animosidade em todo o canto do mundo. Um passo em falso e haveria uma nova possibilidade de guerra, agora, com países aliados.

Norman e Vandelens tamborilavam na mesa com as pontas dos dedos, demonstrando todo o seu nervosismo. Sandler mantinha-se com a cabeça baixa, revendo as folhas de papel sobre a mesa, dando sinais de que não tinha um plano em mente. Somente uma única pessoa naquela mesa olhava diretamente para o presidente sem demonstrar o menor temor ou constrangimento. Michele Vicenzo, secretária de Defesa. Seu altruísmo, talvez, se devesse ao seu passado, pra ela, bastante doloroso. De descendência italiana por parte de sua mãe que, na segunda guerra, envolveu-se com um corajoso soldado negro das forças

aliadas, de quem recebera suas características. No fim da guerra, sua mãe foi trazida, já grávida, dando a luz a uma linda menininha negra, porém, com uma característica marcante: de olhos azuis intensos. Aos quinze anos, perdera a mãe com câncer e, seu pai, aos vinte, vítima do descaso do governo com os ex-combatentes, transformando-o num alcoólatra, quase mendigo, tendo muitas das vezes que procurá-lo nas ruas e albergues, depósitos sujos de mendigos, mantidos pelo governo. Ingressou na faculdade aos 17 anos formando-se em primeiro lugar em Relações Exteriores. Prestou concurso para promotoria pública e, mais uma vez, foi convocada em primeiro lugar. Nunca participou de protestos contra o governo, pois sempre achou ser inútil este tipo de ação. Acreditava que para mudar alguma coisa que a descontentava, tinha que fazer parte dela, diretamente. Sendo assim, almejou ocupar um alto cargo público, sem a necessidade de ser eleita e, para isto, precisava de algo consistente. Conseguiu o que queria e ingressou no governo pela porta dos fundos quando denunciou e prendeu uma quadrilha composta por senadores, deputados e membros dos altos escalões de governo que fraudavam a previdência e o imposto federal com trocas de gentilezas e notas frias, dando vida a quem estava morto, recebendo o benefício da previdência e burlando o fisco, numa operação que daria inveja aos maiores mestres das fraudes de todo o mundo. Nessa época, guardada as devidas proporções, já recebera seu primeiro apelido: "Negra de Ferro", numa comparação infeliz a 1ª ministra da Inglaterra, Margareth Thatcher, mundialmente conhecida como a "Dama de Ferro". Esta, uma dama. Aquela, não tanto assim...

Convidada ao governo, exerceu a função de ministra de relações Exteriores por pouco tempo. Com a morte do então secretário de Defesa, o presidente viu naquela mulher a chance de agradar a população, principalmente feminina, maioria em seu país, e convidou-a a assumir a Secretaria de Defesa. Coordenou habilmente as principais questões internacionais em que fora exigida sua presença. Por seu histórico de caça ao poder, onde

não media esforços para conseguir seu lugar ao sol, quando seu real objetivo não era estar ao sol, mas escolher quem podia ficar a sombra, acabou por receber, pela segunda vez, dos seus pares no governo, principalmente dos que a temiam, o apelido de "Falcão Peregrino", onde, sempre com mão firme e sem piedade, acabou por contabilizar muitos desafetos no governo, porém, recebera da população o aval para continuar seu trabalho, agradando, naturalmente, o presidente, que contava com sua astúcia e frieza nas principais questões de seu interesse. Tornou-se uma mulher prática, sem meias palavras, temida por todo *staff* do governo e obcecada pelo poder que, pra ela, só seria satisfeito quando alcançasse o cargo máximo de seu país.

— Michele... — dirigiu-se o presidente a ela — tem alguma coisa a dizer?

Ela, no mesmo instante, abriu a pasta que trazia, retirando duas folhas timbradas, repassando-as ao presidente e, sem meias palavras, explicou a todos o que já trazia em mente, e que esperava uma única oportunidade para fazê-lo:

— Sim, senhor presidente. Acredito que uma intervenção militar não seria necessária, nem inteligente de nossa parte. — respondeu de maneira fria, sem parcimônia — Este material que lhe passei contém as diretrizes necessárias para resolvermos a questão, sem aparecermos mais do que necessário. — a cartada inicial estava dada. Bastava o jogador principal fazer a sua ou refutar o jogo.

O presidente pegou o documento em suas mãos, ajeitou os óculos e passou a ler seu conteúdo, sem importar-se com a demora. O silêncio na sala era ensurdecedor. Com a tensão, era palpável o clima de expectativa que aqueles papéis proporcionaram. Ainda mais sabendo que sua origem vinha da "Falcão Peregrino".

Alguns minutos se passaram até que o presidente levantou a cabeça e dirigiu-se a ela, num tom de questionamento e dúvidas:

— Você acha mesmo que isto é possível? — todos olharam rapidamente para ela, esperando sua resposta, sem saber o teor

do que estava escrito, bem como o motivo da dúvida do presidente.

— Sim, senhor presidente. Esta seria a única forma de tratarmos o assunto de forma precisa, sem nos envolvermos diretamente. — sua segurança na afirmativa, provocou, pela primeira vez, um leve sorriso no rosto angular do presidente.

— Pois bem! Quero que passe este relatório a todos os presentes nesta sala para avaliarmos a viabilidade de o pormos em prática. Amanhã discutiremos a questão novamente. Senhores... Senhora... — disse quase se esquecendo de Michele. Todos sempre se esqueciam de citá-la como mulher — Nos vemos amanhã. — o presidente levantou-se, sendo imitado por todos.

***

Na manhã seguinte, o mesmo grupo reunira-se na mesma sala. Entretanto, as cadeiras ocupadas estavam em posições diferentes, sendo Vicenzo acomodada ao lado do presidente, onde tinha maior destaque entre os demais. Uma bandeja com água e café, que antes não existia, estava disposta no centro da mesa, além de cigarros e charutos que estavam liberados para o uso, dando como certa a demora da reunião. O presidente acomodara-se na cadeira oposta à mesa, para ter um melhor ângulo de visão do grande projetor que descia da parede para a apresentação do plano da secretária de Defesa. Todos estavam tensos, a exceção de Michele, que remexia em seus papéis com uma calma freiriana, olhando casualmente para os outros do grupo, esperando que se acomodassem para o início da reunião. Vestia-se, como sempre, de maneira formal, com um *tailleur* preto, com os cabelos num coque justo no alto da cabeça e sem maquiagem exagerada, sobressaindo seus olhos de lince. Preparou-se para começar a reunião colocando alguns documentos sobre a mesa, depois, dividindo-os para o grupo. Todos demonstraram pouco interesse pelos papéis, preferindo aguardar o início da discussão, exceto o

presidente que apanhou seus papéis, dando uma olhada rápida antes de autorizar o começo da preleção de Michele.

— Vamos, Michele. Não temos tempo a perder. — ordenou ele.

— Sim, senhor presidente. — Ela dirigiu-se ao interruptor, apagando as luzes da sala, restando uma mísera réstia de luz que entrava pela fresta de uma das janelas. Ligou o aparelho *Data show* e apertou algumas teclas de seu *notebook*. No mesmo instante, imagens surgiram na tela, ainda meio difusas, sendo restabelecidas rapidamente. A princípio a primeira imagem lembrava um complexo composto por diversos armazéns ou silos, ladeados por uma mata densa, com árvores grandes e torres espalhadas pelo terreno. Sentindo que todos estavam impacientes pela demora e desejavam saber logo o que era aquilo. Michele precipitou-se até a tela, apontando uma das construções com uma comprida vara de metal, dizendo em seguida:

— Este, senhores, é o Complexo Espacial Brasileiro ou Base de Lançamentos de Alcântara, como queiram. De lá partirá o VLS1 que, supostamente, levará um satélite de defesa de última geração. Este projeto, ao que parece, está em andamento há alguns anos e no estágio atual, encontra-se em fase de testes para lançamento. — encerrou ela, voltando ao seu lugar, trocando a imagem da tela.

— E que importância tem isso pra nós? Satélites são lançados a todo instante, no mundo todo, inclusive por eles, com apoio da China, Ucrânia e nosso também. — interrompeu Norman.

— Satélites não como esse, Norman. — disse ela sem olhar para ele, dirigindo-se outra vez para a tela. — Aqui, neste lugar... — disse apontando um prédio alongado de dois andares, bem afastado dos demais — está um satélite capaz de identificar qualquer tipo de transmissão aérea, marítima ou terrestre e fotografar, com precisão de poucos metros, qualquer objeto maior que um maço de cigarros numa área equivalente a toda a Amazônia, parte norte da América do Sul e norte do Chile. — enfatizou, agora observando Norman que se mantinha calado,

digerindo esta informação. — Não é só isto... — continuou ela, aproveitando o interesse despertado — ele pode identificar qualquer sinal, seja em que frequência for, altitude ou profundidade. Aviões, submarinos e navios de guerra, ou mesmo mercantes, qualquer que seja o uso, poderão ser monitorados por eles a qualquer hora do dia ou da noite. Poderão rastrear qualquer comunicação via satélite, seja por celular ou por computador. E isto poderá nos trazer problemas, pois poderão interceptar qualquer mensagem via satélite enviada pela *Internet*. Como não temos o *software* que utilizam para descriptar as mensagens, não poderíamos criar uma porta de entrada, um *Back door* para alterá-lo e criarmos uma proteção, ou mesmo interferir nas mensagens. — terminou ela voltando ao seu lugar.

Os programas de proteção nas comunicações, principalmente pela *Internet*, eram a dor de cabeça de todos os sistemas de defesa. Existiam programas de encriptação europeus, americanos, asiáticos, mas nenhum deles conseguia obter os níveis máximos de proteção contra os *hackers* ou a contraespionagem internacional. Gastavam-se fortunas incalculáveis com computadores de última geração em criptografia e, mesmo assim, era impossível proteger-se completamente contra invasores. Além da dificuldade com os invasores, existia a possibilidade de a população tomar conhecimento de que suas mensagens poderiam estar sendo vigiadas pelos governos, e o pânico seria geral. Na verdade, a grande preocupação dos sistemas de defesa era contra a sabotagem nas comunicações e acompanhamento das mensagens trocadas por traficantes, grupos paramilitares, terroristas e as comunicações e mensagens em momentos de guerra. Entretanto, para isto, era necessário manter controle e conhecimento sobre todas as comunicações existentes, incluindo a dos cidadãos comuns. E este era o grande perigo de vazamento nas informações. Tudo tinha que ser feito com a maior cautela possível, de preferência, em sigilo absoluto, arriscando-se a um pandemônio de proporções inimagináveis.

Todas as mensagens via *Internet* são *criptografadas*, ou seja, as letras são transformadas em símbolos, letras misturadas, ou outro tipo qualquer, códigos indecifráveis para quem não tem a chave de encriptação e, como são enviadas por cabo de dados ou pelo ar, mais comum, podem ser interceptadas a qualquer momento, bastando, pra isto, ser um bom programador e um bom programa de interceptação de mensagens mas, somente isto não basta. É necessário descriptá-la, quebrar seu código para ter acesso à mensagem, e este era o grande dilema. Acreditavam que o Brasil tinha um bom sistema de interceptação de mensagem via satélite (utilizada em situações de guerra principalmente), entretanto, não sabiam até que ponto estas mensagens estavam protegidas.

Norman contorceu-se em sua cadeira aparentando total desconforto com o que Michele acabara de falar. O presidente, impassível, ainda observava a imagem na tela, tentando compreender a magnitude de tudo aquilo.

Vandelens levantou-se da cadeira, sendo observado pelos outros. Indo em direção à tela observou o prédio por algum tempo e voltou-se para Michele:

— Eu tinha algumas dúvidas com relação à veracidade destes fatos. Diga-me, você acredita que eles têm esta capacidade? Você acha que eles a usariam militarmente?

— Não tenho dúvidas quanto a isto. Chaves já iniciou uma corrida armamentista na região, mesmo não estando tão evidente assim. — respondeu ela, sem pestanejar.

— E quanto a nós? Qual o risco que corremos? — perguntou Sandler, de maneira direta.

— De imediato, nenhum. As mensagens que enviamos para esta área não nos afeta caso sejam interceptadas. Entretanto, lembre-se, esta tecnologia poderia ser apenas o início de uma ampla campanha de aprimoramento militar, inclusive atômico. Não se esqueçam, eles detêm conhecimento para enriquecimento de urânio e o melhor sistema de centrífuga do mundo, além da melhor base de lançamentos de foguetes ou... Mísseis. — enfatizou a última palavra, acentuando todas as letras.

Um misto de preocupação e tensão percorreu a sala. O presidente, pela primeira vez, manifestou-se a respeito do assunto.

— Muito bem. E o que faremos? Você disse ter um plano e até agora só nos trouxe informações mais detalhadas do que já sabíamos.

— É verdade, senhor presidente, mas...

— Deixe o senhor presidente de lado, Michele, vá direto ao assunto — interrompeu o presidente bruscamente.

— Sim, senhor. Como dizia, precisamos desestabilizá-los, fazê-los começarem do zero outra vez. Novo recomeço, com verbas escassas, tornaria tudo praticamente inviável. Precisamos deter o lançamento e, pra isso, precisamos agir rápido. Depois... a opinião pública se encarregará do resto.

— E como pretendemos impedi-los? Não podemos nos envolver diretamente na questão. Seria uma temeridade a comunidade internacional descobrir que interferimos num país aliado. — destacou Sandler, fazendo questão de tirar qualquer dúvida com relação a sua opinião contrária a algum tipo de ação mais direta.

— E quem disse que nos envolveríamos diretamente? — retrucou ela, já demonstrando certa impaciência com suas interrupções — Não nos envolveremos diretamente, Sandler. Não se preocupe. — grunhiu ela, com cara de desgosto, perante o que classificou como covardia dele. — Nos envolveremos muito pouco. Somente o necessário para objetivar o sucesso da missão.

— Ainda assim, Michele, acho muito arriscada uma ação aberta. Não teríamos como explicar caso fossemos descobertos. — questionou o presidente.

— Talvez ainda não tenhamos compreendido corretamente como essa operação brasileira pode afetar nossa política externa, mesmo em termos militares. — completou Vandelens, fazendo coro ao presidente.

— Muito bem. Explicarei de outra forma — anuiu Michele, tentando chamar-lhes a atenção para alguns pontos que

acreditava estarem obscuros. — Como disse anteriormente, este satélite tem a capacidade tecnológica bem avançada, superior a muitos dos nossos em termos de captação de imagens e sinais. Por enquanto, este projeto ainda é regional, abrangendo uma parcela de área da América do Sul que não deixa de ser bastante considerável. Entrementes, todos nós já sabemos que o projeto *Galileu*, que deverá concorrer com o sistema GPS americano no sistema de posicionamento global, convidou o Brasil a participar deste projeto. Assim, senhores, não precisariam de muitas conjecturas para identificar o real interesse europeu em convidar o Brasil para participar deste projeto. — antes de concluir, esperou para observar se suas palavras fizeram o efeito esperado. Como acreditava que fosse acontecer, todos se remexeram em suas cadeiras, olhando uns para os outros, demonstrando bastante desconforto. Michele ganhou confiança para concluir sua apresentação. — Então... — continuou — teremos um enorme problema nas mãos, caso um satélite como este seja posto em órbita baixa, acima de nossas cabeças, observando-nos e ouvindo-nos com bastante precisão. Os não aliados teriam um enorme interesse na compra deste projeto e o Brasil lucraria muito com isto, não só em termos financeiros, mas também, teria o poder de barganhar o que quisesse, até mesmo na questão militar, caso desejasse almejar algo que ainda não conhecessem completamente.

— O quê, por exemplo? — indagou Sandler, afoito.

— Lançamento de mísseis com ogivas pesadas, por exemplo. — enfatizou ela, olhando incisivamente para Sandler, depois, para o resto do grupo.

Todos ficaram em silêncio por algum tempo, digerindo a informação. Michele podia sentir a dúvida pairando no ar, assim como as incertezas produzidas por sua afirmação.

— Deixemos de rodeios! — grunhiu o presidente — O que podemos fazer para resolver o mais rápido possível?

Michele preparou-se para apresentar seu plano, sabendo que isto a levaria em alta conta do presidente e lhe renderia frutos no futuro, que ela esperava que estivesse bem próximo.

— Minha ideia, senhor presidente, embora pareça drástica, solucionaria a questão. Primeiro... – começou ela, dirigindo-se outra vez ao telão — precisaríamos descontinuar o lançamento do satélite.

— Descontinuar? — repetiu Sandler, questionando a afirmação de Michele — Como assim? — Michele o ignorou e continuou sua preleção.

— Destruiremos o lançador e o satélite momentos antes da decolagem. — concluiu olhando para Sandler, dando-lhe a resposta que queria.

A primeira palavra que foi ouvida na sala foi:

— Arriscado demais! — dita por Sandler e por Vandelens, ao mesmo tempo.

— Arriscado demais seria esta tecnologia cair em mãos erradas. Além do que, não temos muito a perder. O risco que correríamos seria o mesmo se não fizemos absolutamente nada. — disse ela, agora, já demonstrando irritação.

— Ela tem razão. Isto não pode acontecer. Prossiga, Michele. Como pretende fazer? — indagou o presidente, obrigando a todos se calarem e deixarem as conjecturas para depois.

— Implantaremos alguém lá e destruiremos o lançador com a mesma arma que acreditam estarem pondo no ar, por emissão de sinais.

— Seria uma questão de tempo até construírem outro. Se é que já não o tenham. — disse o presidente, demonstrando certa dúvida ao perceber que não estava chegando a lugar algum.

— Não fariam num curto espaço de tempo, senhor. E até construírem outro, poderíamos usar a mídia para pressioná-los e retaliá-los de alguma forma, impedindo que o convite europeu seja formalizado, pois estariam em apuros com seu próprio povo, e isto não seria uma boa propaganda para o projeto *Galileu*. — disse segura de si.

— Nisto acho que você tem razão. Então, Vandelens? O que acha da proposta? — indagou o presidente a seu chefe de estado-maior. Vandelens empertigou-se em seu assento e já ia responder quando, sem aviso, Norman, que até o momento permanecia calado, adiantou-se a Vandelens e disse enfaticamente ao presidente:

— Me desculpe, mas não acho uma boa ideia, senhor presidente. — não se preocupou em nenhum momento em olhar a cara de poucos amigos que Michele apresentou. Conhecia a "Falcão Peregrino" e nunca simpatizou com ela. Achava-a uma aproveitadora, sem escrúpulos e pronta a qualquer coisa para atingir seus objetivos que, nesse caso, nada mais aparente do que querer ocupar a cadeira que é do presidente, e este plano a projetaria diretamente para isso.

— Em que exatamente não concorda, Norman? — incitou o presidente. — Tem uma ideia melhor?

— Ainda acredito, senhor, na questão diplomática. Vamos pressioná-los! Já conseguimos outras vezes! — disse olhando para os membros e buscando apoio. Ninguém se comprometeu em dizer nada. Pelo jeito, era voto vencido na discussão. Sempre fora contrário ao uso da força, principalmente em se tratando de um país democrático. Sabia que a "Falcão Peregrino" rebateria sua colocação de forma eloquente e audaciosa. Ela tinha um plano e seguiria até o fim para pô-lo em prática, quer ele quisesse ou não. Sabia suas reais intenções e, por isso, tentava persuadir o presidente a não aceitar este plano audacioso e perigoso.

— Quando os pressionarmos, senhor presidente... — começou ela com seu ataque a Norman — dirão que não temos provas do que os acusamos. E, além disso, a única forma de o pressionarmos seria através de embargos. Como estão sendo apoiados por países da comunidade europeia, isso não teria o menor efeito sobre eles. Além do que, como o secretário de Defesa mesmo disse, não podemos interferir, seja por qualquer pretexto, num país democrático e aliado. — Ela havia atacado e o posto em *check*.

Todos observam o embate entre Norman e Michele, aguardando as investidas de um e de outro. O presidente estava impassível diante da discussão dos dois e, após algum tempo, acabou concordando com Michele. "*Check-Mate!* Ela venceu essa batalha!", pensou ele. Norman deu-se por vencido e deixou que Michele continuasse, percebendo um ligeiro sorriso zombeteiro em sua face, agora, de ave de rapina. "Ainda falta a guerra...", pensou Norman, "...e esta está apenas começando!"

Após meia hora Michele concluía a explicação de seu plano, aguardando algum questionamento dos integrantes da sala.

— A única coisa que não entendi — indagou Sandler — é como poderá recrutar estes homens que darão andamento ao plano sem envolver-nos no assunto? — Michele aguardou até que não houvesse outra pergunta e respondeu a Sandler:

— Simples! — disse ela, quase sorrindo — Os quatro têm sua parcela de interesses na questão: petróleo, água, nióbio, entre outros.

— E o que nos dá a certeza que não nos entregarão, ou pior, nos achacarão? — questionou outra vez Sandler.

— Como já afirmei antes, todos os envolvidos, além de nós, tem seu interesse em particular no plano. Investirão seu próprio dinheiro e nós somente entraremos com logística e apoio, nada mais!

— Destruir um satélite em sua base de lançamento já era algo inimaginável, mas estou perplexo! Destruir uma refinaria? E em plena Amazônia?! Parece-me algo mirabolante, sem proporções e deveras perigoso! — grunhiu Vandelens, quase que para si mesmo.

O presidente mantinha o rosto impassível como desde o início. Segurava o queixo com uma das mãos, observando o transcurso da discussão.

— Exatamente! Essa é a intenção! — afirmou Michele, mostrando que havia ouvido Vandelens. — Quando destruirmos o complexo, a catástrofe produzida libertará os instintos de preservação no mundo todo, pressionando o Brasil a entregar a

Amazônia para quem tem competência para geri-la, ou seja, nós. Ou, o que daria no mesmo, quem apoiarmos para a empreitada. — concluiu.

Após algum tempo, quando todos já estavam dando sinais de cansaço excessivo, o presidente levantou-se de sua cadeira, foi à janela, abriu a cortina e olhou para fora, esperando ver algo mais ameno que uns corredores escuros, tristes e cobertos por um teto baixo e deselegante. Na verdade, o que queria era tempo para raciocinar e autorizar ou não aquela loucura. Ao longo de um curto espaço de tempo, viu que não tinha saída senão de autorizar o prosseguimento. Voltou ainda mais cabisbaixo e pensativo para sua cadeira e, no curto caminho entre a janela e seu assento, esperava acontecer algo que o fizesse mudar de ideia, algo que o libertasse de sua consciência pesada, pois sabia que o passo que seria dado não haveria tempo e nem motivos que o fizessem voltar atrás. Uma vez dada à autorização, seria inevitável e primordial sua conclusão. Enfim, a esperança de que algo aconteceria neste tempo teve fim e ele, sem olhar para os demais membros na sala, disse à Michele:

— Não temos outra solução a não ser de concluirmos o plano. Você tem minha autorização. E que Deus nos ajude! — disse ele com a voz baixa, quase inaudível para os demais. Entretanto, Michele ouviu bem e aprumou-se em sua cadeira, sendo observada pelos demais.

— Obrigada, senhor presidente. — disse já arrumando seus papéis com um ligeiro sorriso entre os lábios carnudos. Ela nunca se arriscava mais do que o necessário, mas dessa vez não tinha escolha. Seria tudo ou nada, e faria todos os esforços para ter tudo...

Norman a observava de sua cadeira, absorto em seus pensamentos, tendo a certeza de que, muito em breve, nuvens cinzas cobririam parte do jardim, não só daquele quintal...

***

Ele tinha certeza e total controle sobre o que estava fazendo, entrementes, em seu íntimo, sua consciência não lhe dava tanta certeza, martelando perguntas incessantemente desde a visita daqueles dois homens no bar próximo à sua casa que lhe ofereceram um bom dinheiro por um serviço simples e rápido. Viu neste serviço a possibilidade de livrar-se de suas dívidas de jogo e, finalmente, livrar-se do agiota que lhe atormentava constantemente, e que já ameaçava sua esposa e filha por uma dívida antiga, ficando sem saída para cumprir a promessa de pagamento, mesmo com o bom salário que recebia como engenheiro de computação de controle e sistemas na Base de Alcântara, onde era um dos responsáveis pela manutenção do sistema de propulsão do VLS. Assim, acabou aceitando a proposta de trabalho, mais por vingança contra o governo (tentava acreditar nisso) do que pelo dinheiro. Não se deu ao trabalho de perguntar aos homens que lhe procuraram o motivo e intenção do que lhe pediram, uma vez que já haviam lhe adiantado uma parcela do pagamento pelo trabalho. Pensava na vingança, no rosto de sua esposa e na docilidade de sua única filha. Resolveu que seria nesta manhã que cumpriria sua parte no trato, e era o que fazia neste momento...

Já no hangar, preocupou-se com as câmeras do circuito interno de TV, mesmo acreditando que não levantaria suspeita, haja vista que esta era sua rotina diária, verificar se todos os componentes eletrônicos do sistema de propulsão estavam em perfeita ordem. Qualquer mecanismo que aparentasse estar com problemas era rapidamente substituído e informado ao comando central da base. Quando chegou ao local exato, simulou um teste de capacidade de um dos componentes, checando algumas vezes mais para dar veracidade a sua ação e, neste momento, implantou um pequeno dispositivo eletrônico em substituição ao que estava testando, sendo este um pouco diferente do original, mas era ele mesmo que fazia a verificação de rotina, não havendo nada a

temer quanto a isso. Colocou o dispositivo original dentro de um saco impermeável, fechou a tampa do compartimento com delicadeza e, com cuidado, virou-se para sair, quando foi abordado por um dos engenheiros que passavam por ali:

— Problemas? — perguntou o colega, olhando sua prancheta.

— Nada... Tudo em ordem. Substituições de rotina. — disse, levantando o saco plástico para mostrar ao outro — Vou dar baixa nisso antes que me atormentem e não me deixem ir embora. — completou, sorrindo para o outro, já se encaminhando para a escada de acesso ao piso inferior.

— Boa sorte, então. — disse o outro, afastando-se dele.

— Valeu! Até mais. — agradeceu balançando a mão direita, meio sem graça, mas respirando aliviado. Ao chegar ao solo, olhou para a imensa estrutura de ferro que sustentava o enorme foguete e pensou: "minha parte fora cumprida". Agora, bastava esperar um telefonema e informar que havia cumprido com a tarefa e receber a última parte do pagamento.

Um dia depois, recebeu o tão esperado telefonema. Fora informado que o dinheiro já havia sido depositado em sua conta e que nunca mais os veriam. Agradeceu e desligou. Em seguida, aliviado pela notícia, beijou a mulher, fez um carinho em sua filha e dirigiu-se ao bar mais próximo de sua casa, pagando bebida para todos os presentes, coisa que nunca mais faria depois daquele telefonema. Seu destino fora traçado por ele mesmo e teria fim em muito pouco tempo. Já na base, o dispositivo implantado por ele, logo após o telefonema, emitiu um inaudível *beep*, acendeu uma minúscula luz verde e passou a piscar incessantemente, aguardando uma ordem para entrar em ação...

Capítulo II

"Alguns anos antes..."

O esquife descia lentamente apoiado nos cordames até o fundo alagado do túmulo. O barulho ritmado das catracas que o sustentava denunciavam o fim e preenchiam o silêncio que atordoava a todos que ali estavam. Atrás de seus óculos, salpicados por gotículas de chuva, que caía fina e irritantemente e insistente, Yuri Munan via sendo enterrado junto àquela urna de mogno escuro, com a imagem de Cristo crucificado sobre a tampa, um pedaço de sua alma e de seu passado. Um passado recente e, ao mesmo tempo, estranhamente longínquo.

As lágrimas que desciam de seus olhos juntavam-se às gotas da chuva, formando minúsculas poças em suas pálpebras, dificultando, felizmente, sua visão, servindo-lhe de consolo, pois era extremamente difícil lembrar-se do belo rosto de Lisa e do seu sorriso desprendido e malicioso, escondido, agora, atrás daquela pequena portinhola de vidro e madeira.

Adorava vê-la sorrir. Duas pequeninas covas em suas bochechas davam àquele rosto uma imagem infantil, inocente e divertida. Suas gargalhadas eram ouvidas a distância quando Mun lhe contava algumas de suas piadas sem graça. Nunca fora divertido ou bem humorado até conhecer Lisa...

...Seria mais uma das tediosas manhãs de trabalho na Secretaria de Direitos Humanos da ONU se Mun não tivesse recebido aquele convite...

Mun, como era conhecido, recebia constantemente convites para coquetéis e festividades em embaixadas e setores ligados ao seu trabalho. Como assistente-chefe do escritório para assuntos de direitos humanos dos países em desenvolvimento, um convite de um velho amigo, o embaixador da Argentina nos Estados Unidos, chegou a seu gabinete, logo pela manhã, de um dia quente de outono. E seria só mais um convite recusado se não fosse a insistência de seu chefe e amigo, o

embaixador Sérgio, que não poderia estar presente ao coquetel, pois viajaria naquele dia para Nairóbi, a pedido do Secretário Geral.

Depois de muita insistência do amigo, aceitou o convite para representá-lo na solenidade.

Mun sempre fora avesso às festas da ONU que, em sua opinião, eram sempre chatas e excessivamente enfadonhas. Pessoas que ele via quase todos os dias nessas reuniões sociais falavam sempre do mesmo assunto que já discutiam durante toda semana. Além da necessidade de vestir-se de smoking, transformando-o em um pinguim deselegante e desajustado, além do que nunca conseguia dar o nó na gravata borboleta, sempre recorrendo ao amigo Sérgio para isso.

Após aceitar o convite, mesmo a contragosto, vestiu-se para a festa, invocando o auxílio do amigo com a gravata.

— Essa vai ser boa, Mun. Eu prometo! — disse o amigo com um sorriso cínico, dando-lhe tapinhas no rosto recém-barbeado enquanto lhe ajeitava a gravata.

— Todas sempre são, Sérgio, todas... — resmungou ele, já mal humorado, fazendo com que o amigo desse uma sonora gargalhada.

— Muito bem! — disse ele após apertar o último nó da gravata. — Você é o pinguim mais elegante de Manhattan! Pode acreditar nisso! — zombou ele.

— Hmm... — rosnou Mun.

Depois de estar pronto, ainda mal humorado, pegou o pequeno Fiat e dirigiu-se a embaixada argentina para uma noite de sofrimento. Pelo menos, era o que achava... Logo em sua chegada, fora calorosamente recebido pelo embaixador e sua bela esposa que, diga-se de passagem, não aparentava ter a idade que tinha. Nos bastidores e nos longos corredores da ONU, corria o boato de que a embaixatriz fora ferrenhamente disputada por funcionários das Nações Unidas, quando ela era adida cultural da Argentina. Sem dúvidas ainda guardava os traços marcantes de sua juventude. Continuava sendo uma bela mulher, mesmo aos cinquenta, e com as marcas de sua juventude já a deixando aos poucos, mas muito lentamente.

Após ser recepcionado, passeou um pouco entre os convidados, extasiado com a beleza provinciana do salão principal, com seus quadros

do século XVIII entre alguns mais contemporâneos, e parou para apreciar obras de Cavalcanti, Verti e um belíssimo Portinari que, posteriormente veio a descobrir tratar-se de uma de suas últimas obras, os painéis "Guerra e Paz". Após alguns minutos que se deu ao êxtase pelas obras, furtivamente procurou tornar-se o mais discreto possível, afastando a possibilidade de participar de grupos de discussões insensatos, o que lhe obrigaria a despedir-se mais cedo da festa. Tomou alguns goles de champanhe e preferiu esconder-se na sacada do salão que, neste momento, encontrava-se vazia, com todos os convidados preferindo dançar ou conversar em suas mesas ou em seus chatos grupos.

Acendeu um cigarro encostando-se na murada e passou a observar o movimento incessante da noite daquela bela cidade de Nova Iorque. Não havia percebido que não estava sozinho. Uma mulher solitária, a alguns passos de onde ele estava, parecia, assim como ele, estar bastante entediada com aquela festa, preferindo refugiar-se ali, naquele lugar. Aproximou-se dela, na tentativa de ter com quem conversar e, tentando puxar assunto, disse:

— Olá! — falou, aproximando-se por trás.

No instante em que ela se virou, Mun sentiu seu coração acelerar abruptamente, perdendo momentaneamente o fôlego. Nunca acreditou em amor, muito menos à primeira vista. Seu rosto era lindo. Todos os contornos acomodavam-se naquele espaço com perfeita sintonia. Olhos castanhos escuros sob sobrancelhas finas e bem cuidadas, onde um nariz delicado ressaltava-se sobre uma boca miúda, com lábios finos e bem torneados. Tudo isso, sob uma cabeleira castanha cacheada, até o meio das costas, lisa e lustrosa.

Elegantemente vestida, com um lindo Armani azul, dando a impressão que havia sido feito à mão, exclusivamente para sua beleza. Mun ficou atônito.

— Olá! — respondeu ela, com sua voz doce e melodiosa. — Vejo que é mais um refugiado da sacada? — perguntou ela em inglês, sua segunda língua. Um leve sotaque latino identificava-a como tal.

Mun não conseguiu dizer nada. Por alguns segundos ficou somente observando sua beleza, como havia observado as obras do salão. Mudo,

em profunda reflexão. Depois de algum tempo, quando o silêncio já era constrangedor, acordou de seu devaneio, dizendo sem perceber:

— Notadamente, linda!

— O que disse? — indagou ela, sem entender a princípio.

— Hm... A noite! — respondeu sem jeito — Está linda, não acha? — afirmou, apontando para cima, sem olhar para o céu carregado de nuvens.

Ela olhou para o céu, onde nuvens carregadas de chuva, cinzas como chumbo, com alguns relâmpagos no horizonte tornando o céu ameaçador, não havendo nada que o comparasse a palavra "linda". Com um sorriso que marcaria sua presença enquanto ela existisse para ele, ironizou:

— Você deve ser de um país bastante castigado pelo sol por achar esta noite linda — brincou ela, mostrando belos dentes brancos. — Mas, pelo sotaque, percebo não ser este seu caso!

Mun também sorriu, depois de sua observação dúbia.

— Para lhe dizer a verdade, não era sobre a noite que me referia. — falou ele, olhando diretamente para seus olhos. — E em meu país, as noites são sempre lindas, como você. Digo, como esta noite... — disse sem conseguir controlar a língua e já completamente sem graça... — Desculpe! — tentou amenizar o dito.

Neste instante ela abaixou a cabeça, parecendo estar constrangida. E Mun pôde observar que suas palavras a haviam deixado ruborizada, destacando duas leves manchas vermelhas, em ambos os lados do rosto, que reavivavam ainda mais suas feições em seu belo conjunto.

— Desculpe mais uma vez. Não queria deixá-la constrangida. — frisou ele, antes que ela entendesse errado o que tentava lhe dizer. Porém em seu íntimo, desejava gritar-lhe e fazer com que ela soubesse o quanto já estava apaixonado, apesar de tê-la conhecido naquele exato momento.

— Comecemos de novo! —frisou, tentando não perdê-la de vista — Muito prazer, sou Yuri Munan. Sou brasileiro. Trabalho na Secretaria dos Direitos Humanos da ONU. — estendeu sua mão para ela.

Ela aceitou o aperto de mão, sentindo a emoção instantânea que vinha daquele braço estendido.

— Não precisa pedir desculpas. Sou Elisabeth. Sou argentina, mas moro nos Estados Unidos desde que nasci. Trabalho para meu governo, assim como minha mãe no passado. Sou tradutora.

— Sim, era de se imaginar. Por isso fala tão bem o inglês! Estou aqui há cinco anos e ainda nem aprendi a pedir cachorro-quente na esquina. Eu ainda uso gestos e latidos para o vendedor! — brincou ele, tentando deixá-la à vontade.

Mais uma vez aquele sorriso arrebatador golpeou-o na alma. Mun não enxergava mais nada a não ser aquele rosto angelical à sua frente. Sentia-se como uma criança que se apaixonara pela primeira professora e fazia de tudo para estar em seu ângulo de visão, para ser percebido por ela. Não se lembrava, ao longo de trinta anos, de ter sentido algo assim. Aquilo era paixão à primeira vista. Não tinha mais dúvidas. Rezou para que fosse recíproco o seu sentimento.

Após uma noite inteira dançando com Lisa, descobriu que ela também estava apaixonada. Beijaram-se pela primeira vez, apaixonadamente, no mesmo lugar em que se conheceram. Ele sentia a necessidade de estar próximo a ela, de tocá-la, de sentir seu corpo junto ao seu, de tê-la em seus braços todo o momento. E ela entregou-se a ele completamente. Uma paixão única e avassaladora uniu-os como um só. Estavam apaixonados.

Quando já conversavam sobre onde e quando se encontrariam de novo, uma voz firme e autoritária assustou ambos:

— Vejo que arrumou uma bela dançarina para sua noite, meu amigo! — disse o embaixador Hurtado a Mun, abraçando Lisa pela cintura — Não deixe que ela faça suas traduções. Ela é uma espiã perigosa, caso não saiba... — sorrindo pra ela, beijando-a na face.

— Não ligue pra ele! Ele é o chefe dos espiões da ONU. — disse ela a Mun, com ar conspirador, em voz baixa.

Mun, a princípio, não entendeu a proximidade dos dois. Tudo se esclareceu, para seu espanto, quando ele falou de novo:

— Temia que isso acontecesse! — disse ele outra vez a Mun — Você, um latin lover, roubar o coração de minha única e adorável filha! — Mun não sabia o que dizer. Atônito e sem graça, fora socorrido por Lisa com uma colocação sarcástica e bem humorada:

— Papai ainda acredita que uma mulher de minha idade não consiga se defender sozinha! Se dependesse dele, eu estaria usando aparelhos coloridos nos dentes! — pôs ambas as mãos no rosto do pai, num gesto de carinho.

— Não fique com essa cara de tonto! — rosnou o embaixador para Mun — Vamos! Precisamos comemorar este encontro. — meteu-se entre Mun e Lisa, abraçou os dois, empurrando-os para o salão. Pegou duas taças de Don Perignom, entregando a Mun e Lisa. Tirou uma da bandeja para si, brindando em seguida.

— A uma longa, feliz e verdadeira união! Espero que se casem logo! Queremos netos. Sentimo-nos só, Lisa. — disse olhando a filha — Tenho você, meu amigo Mun, como um filho — afirmou, dirigindo-se aos dois, alternadamente.

— Embaixador... Lisa... — começou Mun, olhando para Lisa e depois para ele. — Senhor embaixador, gostaria de pedir a mão de Lisa em namoro e, se me permite, gostaria de adiantar o pedido também de casamento. Gostaria de casar comigo, Lisa? — disse Mun constrangido, olhando para ela, mas marcando ser sincero seu pedido.

A embaixatriz, mãe de Lisa, vendo de longe os excessos do marido, aproximou-se do grupo tentando identificar o motivo de tanta euforia.

— Não entendo porque não fui convidada a este brinde! Alguém pode me dizer o motivo? — disse ela ao chegar ao grupo com um sorriso e, já notando o rosto petrificado de sua filha. O embaixador abraçou-a pela cintura e lhe disse algo no ouvido.

— Mas... como? — disse ela horrorizada para o marido.

— Pergunte aos dois! — disse ele sorrindo.

— Mas... vocês acabaram de se conhecer! — disse assustada e já quase em prantos, mas mantendo seu autocontrole. Sua filha, sua única filha, acabara de ser pedida em casamento por um homem que ela acabara de conhecer e, com total aval de seu marido. — Não consigo entender! O que tem a dizer, Lisa?

Lisa olhou para Mun e a única coisa que conseguiu dizer foi:

— Eu aceito! — abraçando-o em seguida.

Dois meses depois, na igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, casaram-se numa cerimônia simples, a contragosto da embaixatriz que,

queria uma grande festa, suntuosa, nos jardins de sua casa, nos arredores de Buenos Aires.

Sob os protestos da mãe de Lisa para que morassem em Nova Iorque e, depois que terminassem seus trabalhos na ONU, fossem morar em Buenos Aires, Mun ganhou do sogro um pequeno apartamento na Urca, no Rio de Janeiro. Arrumaram o apartamento de uma maneira simples, até porquê, antes, teriam muito tempo de trabalho no exterior. Fizeram até planos de vender o pequeno apartamento e, com o dinheiro das indenizações, procurariam uma casa no campo, logo que retornassem de Nova Iorque. Neste meio tempo, viveram um acalorado romance num apartamento na 3ª Avenida, em Manhattan.

Mas algo inesperado e trágico precipitaria o retorno de Mun ao Brasil.

Seu amigo, Sérgio Melo, no Oriente Médio, fora morto num atentado à bomba no prédio da ONU, quando tentava, sem sucesso, pacificar um país tomado pelo caos e terror após ser invadido por tropas americanas.

Ainda desorientado pelo incidente que ceifou a vida do melhor amigo, que conhecera quando jovem na academia militar, Mun e Lisa resolveram retornar ao Brasil, ambos demitindo-se dos respectivos empregos na ONU. Com as indenizações, compraram uma casa em estilo colonial no alto da serra de Petrópolis a cinquenta minutos do centro do Rio de Janeiro. Como não foi necessário venderem o apartamento que haviam ganhado do pai de Lisa, mantiveram-no como um refúgio quando vinham à cidade.

Lisa, com o auxílio do pai, conseguira um emprego como professora de inglês em uma escola para os filhos dos funcionários da embaixada americana no Brasil. Mun, apesar do pedido de demissão, foi convencido a permanecer na ONU como representante do órgão para assuntos relacionados ao meio ambiente na América Latina, ocupando um pequeno escritório no centro da cidade. Viajava constantemente para a sede da entidade. Nada que os impedissem de serem felizes. Falavam-se o tempo todo por telefone. Algumas vezes, quando Mun tinha compromissos em algum país da América do Sul, Lisa conseguia uma folga e viajavam juntos, passando pela Argentina para que ela visitasse

os pais, que retornaram a pedido da embaixatriz, pois não se acostumara com a ausência da única filha. Viveram assim durante quatro longos anos.

Numa de suas viagens à ONU, quando tratava de assuntos sobre a biopirataria nas florestas Amazônicas, Mun recebera um telegrama de seu escritório solicitando que retornasse imediatamente ao Brasil. Não quiseram lhe adiantar nada ao telefone. Um sentimento de medo e apreensão percorrera sua espinha, gelando sua alma. Algo de grave havia acontecido:

— Deus! Que não seja com Lisa! — repetia ele, nos momentos em que arrumava a mala para partir.

Mas bastou um único telefonema para os pais de Lisa para saber que sua vida, a partir dali, nunca mais seria a mesma...

Usando o passaporte Azul, que lhe dava passe livre e garantias dos primeiros lugares em horários e vôos, pegou o primeiro avião para o Rio de Janeiro. Ao chegar, foi recebido ainda no saguão do aeroporto por um funcionário do escritório. Um dos novos funcionários contratados por ele, jovem ainda, que não sabia como lhe dar a notícia do desastre ocorrido.

Ainda dentro do carro, tomou coragem e disse-lhe a verdade:

— Senhor... um acidente... com sua esposa. Sinto muito! — disse, com a voz embargada.

Mun não disse nada. Já sabia que algo grave havia acontecido e que marcaria o resto do que sobrara de sua vida para sempre. Olhou pela janela, direcionando seu pensamento a Deus, na vã esperança de uma resposta que não veio.

— Estou bem, Lipe. Não se preocupe. Eu já sabia. — respondeu ele, tentando sufocar a vontade de gritar o nome dela e correr em sua direção, se soubesse que isso aplacaria sua dor.

Soube mais tarde que Lisa, como sempre fazia, fora fazer compras num shopping da zona norte da cidade. Na volta, um motorista alcoolizado, que nada sofrera no acidente, perdeu a direção do carro, vindo se chocar ao dela na pista contrária. Lisa não teve a mínima chance. Um acidente estúpido, insólito e fatal. Imaginou o corpo de Lisa sendo retirado do carro destruído e uma raiva aguda, cortante,